

Os desafios da formação educativa sindical frente ao neoliberalismo

Carlos Alberto Lucena¹

Introdução

O movimento sindical brasileiro² vem atravessando uma série de dificuldades políticas e educativas na década de noventa. Ao contrário dos anos oitenta, onde, contraditoriamente, cresceu em meio a uma crise que afetou boa parte do sindicalismo europeu, nos dias atuais, está enfrentando novos desafios, colocando em questão sua sobrevivência enquanto representante dos trabalhadores.

Com efeito, essas diferenças que ocorreram entre os sindicatos nacionais e europeus, deve-se, em especial, ao crescimento diferenciado do neoliberalismo pelo mundo. Em outras palavras, enquanto os neoliberais propagavam suas idéias pelo planeta, afirmando que os sindicatos só poderiam existir "positivamente" estando ligados à "ordem e ao progresso",³ no Brasil, especificamente nos anos oitenta, ocorria justamente o contrário.

Os movimentos sociais viviam uma eferescência, questionando o autoritarismo dentro do país. Os metalúrgicos do ABCD e Volta Redonda, os petroleiros com suas greves nacionais, bancários, portuários, etc., surgiam em cena em uma década vitoriosa, posicionando-se antagonicamente em relação ao Estado. Assim, independente dos discursos das elites que visualizavam a Europa, afirmando que o Brasil estava perdendo "anos preciosos", não participando das transformações em curso no Capital, o que se via era que esse crescimento inibia a expansão das idéias neoliberais no país.

Com as vitórias eleitorais de Fernando Collor de Mello e, posteriormente, Fernando Henrique Cardoso, esse panorama transformou-se, pois, com o "alicerce" construído por José Sarney, as portas do neoliberalismo foram abertas, trazendo imensas dificuldades para a organização sindical. A partir daí, o que pretendo é analisar criticamente as contradições presentes no movimento sindical, verificando até que ponto as dificuldades político-educativas encontradas ocorrem devido ao pensamento neoliberal e seus desdobramentos.

Alguns pressupostos do Neoliberalismo

Para verificar as principais características do neoliberalismo, é necessário, antes de mais nada, discutir a essência de seu pensamento, críticas e fórmulas para uma reconstrução do Capitalismo no planeta. Em razão da natureza deste trabalho e imenso conjunto de propostas do pensamento neoliberal expressa por dezenas de autores, pretendo expor o que acredito ser fundamental para realizar uma relação com o movimento sindical.

Uma das definições mais abrangentes do projeto neoliberal é que:

"... é um processo amplo de redefinição global das esferas social, política e pessoal, no qual complexos e eficazes mecanismos de significação e representação são utilizados para criar e recriar um clima favorável à visão social e política libe-

1. Mestre em Educação pela PUC-Campinas, doutorando em História da Educação pela Unicamp.

2. A título deste trabalho, quando utilizar o termo sindicalismo, estarei referindo-me aos sindicatos ligados ou seguindo a orientação política da Central Única dos Trabalhadores.

3. Ler, O Trabalhador e o Processo de Integração Mundial, Relatório sobre o Desenvolvimento Mundial Banco Mundial, Washington, D.C.

ral. O que está em jogo não é apenas uma reestruturação neoliberal das esferas econômica, social e política, mas uma reelaboração e redefinição das próprias formas de representação e significação social.” (Silva, 1994, p.13).

De acordo com Perry Anderson,⁴ o Neoliberalismo nasceu após a II Guerra Mundial tendo como protagonista, Friedrich Hayek, em um texto publicado em 1944, denominado “O Caminho da Servidão”. Seu principal alvo, uma crítica ao estado de bem-estar americano e a social democracia representada no período pelo Partido Trabalhista Inglês.

Três anos após, Hayek

“...convocou aqueles que compartilhavam sua orientação ideológica para uma reunião na pequena estação de Mont Pèlerin, na Suíça (...) na seleta assistência encontravam-se Milton Friedman, Karl Popper, Lionel Robbins, Ludwig Von Mises, Walter Eupken, Walter Lipman, Michael Polanyi, Salvador de Mariaga, entre outros. Aí, se fundou a Sociedade de Zmont Pèlerin, uma espécie de franco-maçonaria neoliberal, altamente dedicada e organizada, com reuniões internacionais a cada dois anos” (Anderson, 1996, p.10).

Não obstante, suas críticas foram construídas visando atingir a sociedade como um todo, desde o homem enquanto indivíduo, até os caminhos a serem atingidos pelo Capital. Os mesmos partiram do princípio de que o homem, com Welfare State, tem suas possibilidades enquanto “ser”, limitadas pela intervenção estatal e igualdade. A igualdade seria o obstáculo definitivo para o cidadão superar a si mesmo, vivendo contido em um “mundo de trevas”, suas próprias limitações. Assim, a desigualdade

constitui-se na “verdadeira liberdade”, pois a mesma traz consigo a competição e essa liberta, “pois, na opinião do autor, cria condições para a superação dos limites e desenvolvimento do intelecto.”

Na Economia, sua alternativa aponta para a liberdade do mercado. Com a livre concorrência, o mesmo se auto-regula, ajusta as demandas e comporta-se semelhante a um organismo com funcionamento biológico perfeito. A partir daí, qualquer intervenção, do Estado ou movimentos sociais organizados, é vista como uma “anomalia” que impede o “bem coletivo” do corpo. Desta forma, Hayek recria perspectivas analíticas positivistas tão bem elaboradas por Durkheim.⁵

O positivo é a livre iniciativa, o mercado, o Estado totalmente privatizado, bem como a instrumentalização da democracia; negativo são os interesses das massas que, expressos, efetivam uma perspectiva democrática. Os sindicatos combativos são tratados como crimes, inimigos “nocivos” ao auto-ajuste do mercado, pois reivindicam aumento de salários, ganhos sociais e lutam contra o desemprego. A destruição do sindicato dos mineiros, o mais combativo da Inglaterra, pelo governo Thatcher, a ofensiva contra os sindicatos petroleiros do Brasil são exemplos da fúria neoliberal contra a organização dos trabalhadores.⁶

Os anos 70 são utilizados pelos discípulos de Hayek, como o fracasso da intervenção do Estado no desenvolvimento do Capital. A inflação, a maior doença das últimas décadas, é encarada como o sinônimo das políticas sociais mal gerenciadas e falência das propostas alternativas à neoliberal. Os mesmos afirmam que a emissão desenfreada de moedas, juntamente com os governos legislando sucessivamente no vermelho, demonstram a existência de demo-

4. Ler Perry Anderson, O Balanço do Neoliberalismo, in Pós Neoliberalismo - As políticas Sociais e o Estado Democrático.

5. A leitura do Suicídio Anômico da obra de Durkheim fornece perspectivas analíticas que permitem desvendar parte do pensamento neoliberal.

6. É importante observar que, de acordo com o pensamento do Banco Mundial, em seu relatório sobre o desenvolvimento mundial no ano de 1995, os sindicatos são encarados como positivos ou negativos. Os primeiros são aqueles que têm uma ação gerenciadora das relações entre trabalhadores e empresas, limitando o poder arbitrário dos empregadores. Os negativos são aqueles que têm uma ação “corporativa” em relação a seus filiados, visando a maiores salários independente das condições do mercado.

cracias frágeis e limitadas, vulneráveis às pressões de grupos políticos que atuam em benefício próprio e não para o desenvolvimento do mercado.

Nesta perspectiva, os governos tornam-se reféns desses grupos, dificultando suas ações e políticas a serem adotadas. O peso do voto democrático e a pressão dos grupos organizados impossibilitam a concretização de reformas e ajustes, levando as democracias à beira da ingovernabilidade. Logo, para diminuir a influência dos "grupos", os mesmos defendem um compromisso dos governos com a liberdade econômica e a privatização, sendo fundamental o prolongamento dos mandatos dos presidentes comprometidos com a cartilha neoliberal, pois essa ação retira a necessidade dos políticos de realizar medidas "irresponsáveis e populares", sendo a luta de Fernando Henrique Cardoso no Brasil e Fugimori no Peru bons exemplos.

A única forma de governar contra as "pressões" é a utilização de medidas de emergência, decretos, com influência direta das agências internacionais (Bird, FMI e Banco Mundial). E, aí, entendo que chegamos a um ponto fundamental que permite começar a refletir a crise sindical no contexto do neoliberalismo.

"O Washington Consensus, expressão criada pelo economista John Williamson, do Institute for International Economics (IIE), tornou-se mundialmente conhecido para expressar a proposição da comunidade financeira internacional - em especial - o FMI e BIRD - para ajustar as economias dos países periféricos às novas exigências dos países centrais, ao processo de reestruturação produtiva e reordenamento dos mercados no plano internacional." (Faria, 1995, p.19)

A reestruturação produtiva

Para iniciar uma reflexão sobre os desafios da formação educativa sindical, parto do pressuposto de que, apesar de terem surgido em contextos diferentes, atualmente, o neoliberalismo e a reestruturação produtiva são partes

integrantes de um mesmo processo. O primeiro atua na busca de uma concepção de sociedade onde não existe qualquer alternativa que não seja o Capitalismo e o Toyotismo, age como um braço neoliberal dentro dos diferentes locais de trabalho, visando, antes de mais nada, à conquista das mentes dos trabalhadores.

A reestruturação produtiva que ocorre no cotidiano das fábricas vem transformando o mundo do trabalho nas últimas décadas, criando novos desafios para a organização sindical dentro e fora das fábricas. Ela pode ser definida como:

"... um conjunto de mudanças não homogêneas que estão acontecendo no sistema produtivo, tomado este desde a relação entre empresas distintas até a atividade junto a um equipamento..." (Salerno, 1993, p.02)

Sua gênese ocorreu no final da 2ª Guerra Mundial, em meio a um Japão arrasado, que, em decorrência de interesses políticos, recebia ajuda financeira de seu principal rival, os Estados Unidos da América, para sua reconstrução. Pierre George, em sua análise geopolítica desse período, acredita que as duas bombas atômicas lançadas pelos americanos contra um país que já havia perdido a guerra, tiveram como objetivo, além da vitória definitiva, intimidar o crescimento soviético no extremo oriente, demonstrando que, apesar da união contra o eixo, iniciava-se uma disputa (guerra fria) pelo domínio do espaço no planeta.⁷

Os sindicatos e os partidos de esquerda, fortes nesse país, começaram a ser perseguidos, com dirigentes sendo assassinados e expulsos da nação, ação que aniquilou toda e qualquer oposição à atuação americana, possibilitando a introdução no poder das forças conservadoras que, até hoje, estão no governo.

Com a renúncia à divindade de Hiroito e após uma crise no final da década de quarenta, com índices elevados de inflação, fome, fechamento de fábricas, etc., já no início dos anos cinquenta, os japoneses começaram a expandir-se. Sua indústria passou a abastecer o Exército

7. Ler Pierre George, Panorama do Mundo Atual.

norte-americano na guerra contra a Coréia, surgindo, aí, as primeiras iniciativas de qualidade (CCQ), qualidade total, etc.⁸

A expansão mundial do Toyotismo deveu-se a diversos fatores, entre eles, à falência do Welfare State, crise do Fordismo, globalização da economia, etc., os quais, em virtude da diversidade das propostas, não discutiremos, sendo, inclusive, temas para outros trabalhos.⁹

Os desafios da formação educativa sindical frente à Reestruturação Produtiva

A Reestruturação Produtiva é acompanhada por duas estratégias marcantes em sua essência, ou seja, a robótica e a terceirização. A primeira afeta diretamente o nível de empregos, pois a automação das atividades reduz a força de trabalho para a realização das tarefas. Os lucros das empresas aumentam com a redução dos encargos sociais e a obtenção de mais valia absoluta e relativa sobre aqueles que permaneceram. A segunda, de acordo com o pensamento burguês, em meio à situação recessiva dos países em desenvolvimento, é uma alternativa para a redução dos custos e encargos, aumentando a "qualidade" da produção para atingir um mercado cada vez mais exigente.

Ao terceirizar suas atividades, acreditam realizar uma relação de "ganha - ganha" com os trabalhadores, pois os mesmos, em virtude do padrão taylorista, sempre foram submetidos à forte hierarquia empresarial, "teoricamente" possuem a oportunidade de fundar suas empresas, transformando-se de "empregados em patrões." Essa afirmação parte de uma concepção teórica que acredita no fim da mais valia absoluta e relativa. Com o elevado índice de automação dentro das fábricas, as mesmas passariam a ser operadas por um número cada vez mais reduzido de força de trabalho, altamente capacitado e com elevados salários, enquanto aqueles não absorvidos pelas indústrias

passariam a "sobreviver" em outros setores do ramo produtivo. Os proletários com altos vencimentos disporiam de uma parte de sua renda para adquirir ações, tornando-se donos das fábricas. A predominância do trabalho morto em detrimento ao trabalho vivo, ligado ao surgimento dos novos acionistas, levaria ao "fim da exploração e antagonismo entre patrões e empregados".

Porém esta "apologia" possui suas contradições. Observando as relações no trabalho em geral, vejo que os discursos nem sempre são aquilo que aparentam ser. Ao contrário dos bem sucedidos "novos burgueses", os trabalhadores encontram-se reféns de um processo, onde as poucas garantias oferecidas pelo Fordismo, um sistema também altamente discriminatório,¹⁰ estão sendo retiradas. É comum, no cotidiano fabril, as direções das empresas promoverem a troca de funcionários, demitindo nas indústrias-mães e absorvendo em alguns casos nas terceirizadas.

Os salários já corroídos pelos sucessivos planos "salvadores da pátria" passam a ser ainda mais baixos para as mesmas atividades, com condições de trabalho e saúde precárias e a constante ameaça do desemprego. Com efeito, em um mesmo espaço fabril, passam a conviver operários com diferentes condições para o desenvolvimento de suas atividades, perdendo a identidade coletiva, pois uns convivem com o pouco que resta dos privilégios do Fordismo e outros são totalmente miseráveis.

Com todas essas mudanças, o sindicalismo passa por uma crise estrutural. Com diferentes empresas exercendo suas atividades dentro de uma fábrica-mãe, a representação sindical torna-se "pulverizada", pois diversos sindicatos passam a agir no local de trabalho, fragmentados em concepções revolucionárias antagônicas, tendo dificuldade para construir uma estratégia unificada de luta frente ao aumento da precarização das condições de vida proletária.

8. Ler Cleusa Saccarno e Hélio Francisco Corrêa Lino, *Técnicas de Organização e a Tecnologia do Capitalismo*.

9. Ler, Ricardo Antunes, *Adeus ao Trabalho*, Octavio Ianni, *Teorias da Globalização*, Maria da Graça Druck de Faria, (Des) Fordizando a Fábrica.

10. Ler David Harvey, *A Condição Pós Moderna*.

As divisões na representação sindical atingem a essência de seu poder, a base única territorial, influenciando diretamente na arrecadação, pois a terceirização ocasiona a queda do número de associados.

Se o Taylorismo e o Fordismo pautaram pelo controle científico dos processos de trabalho, estendendo alguns benefícios com o objetivo de reduzir a reação dos trabalhadores contra o autoritarismo à apropriação do saber operário, a Reestruturação Produtiva quer ir além disto, conquistando as mentes dos operários, produzindo conceitos que reduzem a igualdade e justiça social às estreitas noções de produtividade e eficiência.

Não obstante, o sindicalismo combativo encontra dificuldades na luta contra o Capital, pois, em meio à ofensiva do segundo, suas propostas passam a ser negadas.

"...visões alternativas e contrapostas à liberal / capitalista são reprimidas a ponto de desaparecerem da imaginação e do pensamento até mesmo daqueles grupos mais vitimados pelo presente sistema, cujos males, estranhamente, são atribuídos não ao seu núcleo econômico - capitalista - mas ao suposto fato de que ainda não é suficientemente capitalista."
(Silva, 1994, p.14)

A partir daí, surgem as seguintes questões dentro do movimento sindical: como formar os novos dirigentes? Quais as ações educativas em relação aos trabalhadores frente à ofensiva neoliberal? Qual o campo de atuação sindical em oposição ao Capital?

Quanto à formação educativa sindical, antes de mais nada, é preciso verificar a amplitude da crise. Por mais que o avanço neoliberal no planeta esteja ocasionando intensas dificuldades na organização dos trabalhadores, acredito ser fundamental discutir criticamente suas ações dentro e fora do local de trabalho. Com efeito, a delimitação da crise constitui-se em um elemento fundamental a ser investigado, evitando construir uma crítica que veja os sindicatos como organizações estáticas, reféns

exclusivos de ações externas, uma afirmação que, por muitas vezes, interessa aos próprios sujeitos, pois leva as contradições para fora de seus domínios, evitando a transformação de sua própria realidade.

Ora, a estrutura de formação educativa sindical da Central Única dos Trabalhadores, no Estado de São Paulo,¹¹ de acordo com dados fornecidos pela mesma, em um universo de aproximadamente 270 sindicatos, 37 possuem uma secretaria de formação sindical, considerando que apenas foram realizadas em média duas atividades por ano. O número de trabalhadores atendidos pelas escolas sindicais é irrelevante em relação ao conjunto dos mesmos.

Ao mesmo tempo, o sindicalismo não constitui uma unidade, ao contrário, é fragmentado em diferentes projetos revolucionários, que, por mais importantes que sejam, pouco são socializados, com o movimento sindical falhando em não educar os representantes de sua base proletária e muito menos o restante da sociedade. As disputas pelo controle das estratégias de luta contra o capitalismo, apesar de toda riqueza de propósitos, passam a ser estereis e limitadas a poucos dirigentes, surgindo, em seu interior, projetos pessoais distantes de uma luta articulada de classe.

Por sua vez, em virtude da chamada crise dos sujeitos coletivos, fruto da ação neoliberal baseada no princípio da desigualdade, que "permite ao cidadão o sucesso no mercado", as pessoas se individualizam cada vez mais, dificultando a criação de bandeiras de luta. A partir daí, os sindicatos são empurrados a debater o projeto neoliberal, migrando para um campo social-democrata, impregnado pelo pensamento do primeiro.

Assim, o sindicalismo combativo entra em contradição com sua essência de luta, correndo risco de atuar em um campo político que conforme afirmamos anteriormente, sequer aceita sua existência, vendo-o como uma "doença", um dos maiores inimigos do mercado regulador.

Por maiores dificuldades que possam existir, o único caminho tanto para a ação política, como para estratégias de educação dos trabalhadores, é voltado para os sindicatos

11. O maior pólo industrial no Brasil.

manterem a luta em torno de uma concepção de sociedade, educando os operários criticamente contra o Neoliberalismo e Toyotismo, pois, apesar dos dizeres que o mercado “auto-regula” e a “individualidade constrói”, o que ocorre é a redução do número de trabalhadores sindicalizados, bem como o aumento da miséria, desemprego e violência.

Concluindo

A título de conclusão, é o necessário retomar alguns pontos fundamentais para verificar a crise sindical e o neoliberalismo.

Em primeiro lugar, a partir do que afirmei anteriormente, não posso dizer que o sindicalismo combativo esteja em crise *somente* pelas ações neoliberais, mas sim, *também* por elas. Ora, se aceitar que as contradições estejam fora dos domínios sindicais, cairemos na ilusão de que a essência das dificuldades são somente externas, o que não ocorre na realidade. Ele está em crise *também*, por seus próprios problemas internos, sendo fundamental estar atento a questões internas do sindicalismo, como as disputas de poder pelos cargos diretivos, as relações dos dirigentes com os trabalhadores das bases produtivas, capacidade organizativa, estratégias de luta, formação educativa sindical de seus diretores, o grau de envolvimento com as questões sindicais das diretorias como um todo...

Enquanto a ofensiva neoliberal luta para criar suas próprias categorias, visando fixar formas de pensar a sociedade, com indivíduos ajustados e sem qualquer perspectiva de transformação social, uma das respostas possíveis é não perder de vista a questão da coletividade. Para isso, os sindicatos, enquanto órgão educativo, tem que aprender a dizer o que quer e não quer, pois de nada adianta limitar-se a discutir o conteúdo das propostas neoliberais, sem ter uma perspectiva de transformação social. Por sua vez, os sindicatos, enquanto organizações em contradição com o Capital, têm a necessidade de atuar dentro de suas próprias categorias, educando os trabalhadores sobre a necessidade da luta por uma nova sociedade, pois as contradições entre o Capital e o Trabalho são inconciliáveis.

A perspectiva histórica da luta de classes é fundamental e permite ao operário situar-se enquanto sujeito de um processo onde estão em jogo interesses antagônicos. A ofensiva empresarial que visa retirar o referencial do passado, apontando o “novo” onde não existe a contradição, com os trabalhadores fragilizados pelo poder do mercado, só pode ser combatida com um olhar crítico para trás. Um olhar que demonstre que o “velho” não é tão “velho” assim, que as lutas sindicais são e não são vitórias ou derrotas e não podem ser analisadas mecanicamente. Ora, no conflito, está presente o aprendizado histórico permitindo que uma aparente derrota no agora possa constituir uma vitória no futuro.

Os sindicatos, migrando para o campo da Social Democracia, impregnada pelo pensamento neoliberal, correm o risco de obter uma derrota tanto política, como educativa, pois passam a atuar em um campo que sequer aceita sua existência. Talvez, os próprios neoliberais sirvam como exemplo, pois a gênese de suas idéias surgiu no auge da Social Democracia e Welfare State, os “anos de ouro” do Capitalismo, não tão dourados assim e, mesmo sendo ridicularizados dentro do próprio Capital, mantiveram a firmeza de suas convicções.

Atuar dentro da “ordem” é o mesmo que o velho ditado do lobo e sua presa. O lobo sempre tenta convencer a presa a descer da árvore, seduzindo a mesma com uma série de propostas que dizem que, agora, tudo mudou, não existindo a contradição, ambos são amigos e podem conviver “felizes” em um mesmo espaço. Quando ela acredita nele e desce, é devorada ferozmente...

Referências Bibliográficas

- ANDERSON, Perry. O Balanço do Neoliberalismo. In: GENTILE, Pablo, SADER, Emir, *Pós-Neoliberalismo - As Políticas Sociais e o Estado Democrático*. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1996.
- ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao Trabalho?*, Campinas, SP: Ed. Cortez, 1995.

- _____. *A Rebelião do Trabalho*, 2. ed., Campinas, SP: Ed. Unicamp, 1992.
- _____. *Classe Operária, Sindicatos e Partidos no Brasil*. São Paulo: Ed. Ensaio, 1988.
- _____. *O Novo Sindicalismo*. São Paulo: Ed. Brasil Urgente, 1991.
- BOITO Jr., Armando, Reforma e Persistência da Estrutura Sindical. In: *O Sindicalismo Brasileiro nos Anos 80*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1991.
- CHAUÍ, Marilena. *Conformismo e Resistência*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986.
- COUTINHO, Carlos Nelson. *Gramsci*. Rio de Janeiro: Ed. CPM, 1981.
- COSTA, Sérgio Amad. *Estado e Controle Sindical no Brasil*. São Paulo: Ed. Vozes, 1985.
- FARIA, Maria da G. Druck. *Terceirização: (Des) Fordizando a Fábrica*. Campinas, SP: Tese de Doutorado, Unicamp, 1995.
- GADOTTI, Moacir. *Concepção Dialética da Educação*. 2. ed., São Paulo: Ed. Cortez, 1983.
- GEORGE, Pierre. *Panorama do Mundo Atual*. São Paulo: Ed. Difel, 1982.
- GORENDER, Jacob. Hegemonia Burguesa - reforçada pela prova eleitoral de 94. In: *Revista Crítica Marxista, S.P.*, 1995.
- GRAMSCI, Antônio. Conselhos de Fábrica, Sindicatos e Partidos. In: *Revista Cara a Cara*. São Paulo: Ed. Vozes, 1978, p. 161-177.
- HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna*. 6. ed., São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- LENIN. *O Estado e a Revolução*. São Paulo: Ed. Hucitec, 1987.
- LOMBARDI, José Claudinei. História da Educação Brasileira e Marxismo. In: *Revista Trajetos*, nº 1, 1994.
- LUCENA, Carlos Alberto. *Aprendendo na Luta: A História do Sindicato dos Petroleiros de Campinas e Paulínia*. São Paulo: Ed. Publisher Brasil, 1997.
- O Trabalhador e o Processo de Integração Mundial, Relatório sobre o Desenvolvimento Mundial, Banco Mundial, Washington, D.C.
- RODRIGUES, José Albertino. *Durlkeim*. São Paulo: Ed. Ática, 1988.
- SACCARNO, Cleusa e LINO, Hélio F. Corrêa, Novas Tecnologias de Organização e a Tecnologia do Capitalismo. In: *Organização Trabalho e Tecnologia*. São Paulo: Ed. Atlas, 1986.
- SADER, Eder. *Quando os Novos Personagens Entraram em Cena*. São Paulo: Ed. Fase, 1983.
- SALERMO, Mário Sérgio. *Reestruturação Produtiva e Sindicatos*. São Paulo: USP, 1993.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. *Educação, Ideologia e Contra Ideologia*. São Paulo: Ed. Pedagógica e Universitária Ltda., 1986.
- SILVA, Antonio Ozai da. *História das Tendências no Brasil*. Petrópolis, RJ: Ed. Editorial.
- SILVA, Tomaz Tadeu da, A "nova" direita e as transformações na pedagogia da política e na política da pedagogia. In: *Neoliberalismo, Qualidade Total e Educação*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1994.